

EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E ESTUDOS DECOLONIAIS: SABERES E DIÁLOGOS COM O COEDUC¹

Khellen Cristina Pires Correia Soares,

Instituto Federal do Tocantins – Campus Palmas (IFTO)

Beleni Salete Grando,

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

Jonathan Stroher,

Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)

RESUMO

Objetivamos tecer contribuições à temática da Educação Intercultural referendados por estudiosos da decolonialidade e interculturalidade crítica. A trajetória metodológica ocorreu a partir de estudos bibliográficos e na pesquisa-ação que traz as falas de participantes da formação contínua Ikuia-Pá. Conclui-se que as formações de professores demandam outras proposições teóricas que possam criar novas pedagogias capazes de promover a educação intercultural crítica na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Intercultural. Estudos Decoloniais. Indígenas.

INTRODUÇÃO

Vivemos tempos em que se reconhece no cotidiano da sociedade brasileira, crescentes manifestações de reforço de desigualdade e de discriminação social politicamente concebidas e que levaram e ainda levam à morte, principalmente pessoas historicamente subalternizadas. Buscamos falar de um movimento de resistência crível, no campo da construção de saberes alternativos que possibilitem pensar criticamente teorias e metodologias estratégicas para a educação intercultural, numa proposição crítica à colonialidade e linha abissal (SANTOS, 2019).

Dizemos resistência crível, por necessariamente acreditarmos nos princípios estabelecidos pela educação intercultural em seu viés crítico. Essa perspectiva se apresenta como possibilidade de estabelecer uma leitura de mundo que perpasse pela compreensão da

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

diferença e fomenta a reflexão mais complexa do vivido partilhado pelos corpos-marginalizados historicamente no Brasil.

Na busca por contribuir com reflexões no campo da educação física e da educação intercultural acessamos os dados da formação contínua *Ikuia-Pá*², realizada pelo Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura – Coeduc, na Universidade Federal de Mato Grosso, que promove ações de pesquisa-ensino-extensão na formação de profissionais, ao potencializar de forma conflitiva a compreensão do corpo-pessoa que em sua totalidade, tecido nas práticas sociais que o educam mediado pela cultura.

DECOLONIZAÇÃO DE SABERES E A EDUCAÇÃO INTERCULTURAL

A legislação brasileira que inclui os povos indígenas, a exemplo da Constituição Federal de 1988, como ocorreu em outros países nesta década, resultam dos movimentos políticos dos povos ancestrais que lutam por reconhecimento de seus direitos e respeito às suas formas próprias de ser, educar, viver; mas, essas lutas traduzidas e apropriadas pelo poder do capitalismo em nível global, leva, especialmente, para as políticas educacionais, uma interculturalidade funcional, que se atrela à colonialidade já estruturada nas entranhas das práticas sociais também na escola (WALSH, 2009).

Em oposição a essa perspectiva funcional, a formação *Ikuia-Pá* se fez nas vivências interculturais fomentadas no e pelo Coeduc a partir das ações de extensão, ensino e pesquisa com diferentes grupos étnicos, de gênero, geracional e religioso, a fim de ouvir para propor uma ação formativa que tencionasse o que Santos (2019) considera epistemologias do Norte, ou seja o conhecimento ancorado nas premissas epistemológicas do pensamento crítico eurocêntrico e do pensamento conservador eurocêntrico, desvelando outra epistemologia, a epistemologia do Sul.

Neste sentido, para potencializar as experiências das práticas corporais em uma perspectiva intercultural, buscamos ideias que surgem de práticas pedagógicas interculturais que são propostas a partir dos estudos decoloniais e das epistemologias indígenas com as

² Em 2018, o Coeduc realizou o projeto de extensão “*Ikuia-Pá: História e Cultura Bororo na Perspectiva da Educação Intercultural na Primeira Infância*”, uma proposta de formação contínua de professores da rede municipal de educação de Cuiabá-MT. A formação-ação-intercultural contou com aproximadamente 300 participantes que trouxeram diversas experiências dos trabalhos realizados nas escolas para ensinar e aprender sobre os Bororo.

quais dialogamos como parcerias em pesquisas e ações formativas voltadas à formação de professores em Mato Grosso.

As vivências partilhadas pelos sujeitos no grupo de pesquisa Coeduc, nos auxiliam pensar epistemologias alternativas para qualificar as práticas pedagógicas da educação física. Por compreender que a construção de uma prática pautada pelos princípios da educação intercultural exige um esforço insurgente em romper com a construção histórica e hegemônica ocidental, consideramos relevante trazer para o campo de estudos da educação física reflexões que questionem a construção histórica, que define nossa sociedade como monocultural, monoracista e monoepistêmica.

Consideramos as vozes dos profissionais da educação questionados acerca dos conhecimentos sobre a história e cultura dos povos indígenas, bem como da importância em se trabalhar tais conhecimentos nas aulas de educação física, na escola. Na análise destas vozes, enfatizamos a perspectiva da educação intercultural como possibilidade insurgente de valorização dos saberes do Sul, neste tempo-espço de produção da vida, território do Povo Bororo, onde hoje se localiza Cuiabá-MT.

EPISTEMOLOGIAS INDÍGENAS E DESAFIOS DA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Entender o conceito de linha abissal e identificar a construção histórica da ciência, que alicerçada na observação sistemática e na experimentação controlada é uma criação da modernidade ocidentocêntrica, descoincidente, discordante e divergente de outras “ciências” elaboradas em lugares outros e culturas outras.

Essa colonialidade que perpassa e se mantém nas práticas sociais sobre os povos indígenas, como herança do Brasil colonial, são evidenciadas dentro do espaço escolar, como desvelam as falas dos educadores no questionário, como as que destacamos a seguir:

- *O pouco que sei foi muito vago, pois a cultura indígena nunca foi de muita importância nas grades curriculares. (Profissional 5, vespertino)*
- *No Brasil nós temos pouco conhecimento sobre os povos indígenas, não sabemos nada sobre eles. (Profissional 19, vespertino)*
- *Os livros didáticos não falam nada sobre essa cultura que é ampla, gostaria de conhecer e aprofundar meus conhecimentos. (Profissional 130, vespertino)*

Essas respostas dos dados iniciais da formação-ação *Ikuia-Pá*, referiam-se ao conhecimento sobre a história e cultura dos povos indígenas que os professores e demais

profissionais da Educação Infantil, em sua maioria, com formação em nível superior, e nos revelam a realidade de perpetuação da zona de não ser delegada aos povos originários do Brasil.

As falas destacadas desvelam o processo de invisibilidade de toda uma população brasileira reconhecida por suas mais de 280 formas de ser indígena. Essa invisibilidade estrutural pode ser entendida com a sociabilidade colonial que construiu a ideia do mundo do “eles”, cuja existência é inimaginável qualquer equivalência ou reciprocidade, uma vez que não são totalmente humanos (SANTOS, 2019). Esse imaginário construído desde a invasão europeia nos territórios ameríndios, foi se consolidando, sendo reforçado cotidianamente nas práticas pedagógicas e nas ciências que insistem na invisibilidade de suas epistemologias e suas ciências, embora sejam, ambas, recursos fundamentais para a produção das ciências modernas euro-américa-centradas.

Importante reconhecer que esse processo de exclusão é ao mesmo tempo abissal e inexistente, dificultando um processo de inclusão. Trazer este entendimento para o universo da educação é uma potência fundante ao nosso ver, por compreendermos a escola como lugar de reprodução da sociedade e de disputa de poder, sendo nisso um espaço-tempo moderno da colonialidade do ser, do poder e do saber.

Porém, a partir dos referenciais da decolonialidade e da perspectiva da interculturalidade crítica, a escola configura-se como espaço fundamental para a reelaboração e ressignificação das práticas sociais voltadas à humanização das pessoas e da sociedade. Essa perspectiva compreende a escola como lugar de luta e resistência, um espaço-tempo de visibilidade dos saberes que historicamente renunciaram às matrizes epistêmicas da colonialidade. Essa compreensão é relevante para que se possa pensar na construção de saberes no campo da educação física para além das raízes europeias.

Na perspectiva das epistemologias do Sul, é relevante entender que há uma linha abissal que estabelece que “deste lado da linha” vidas importam e “do outro lado da linha” vidas não importam ou mesmo não existem. Neste complexo cenário, à escola implica assumir um “lado da linha”. Mesmo colocando o indígena na zona do não ser e de todas as violências racistas sofridas pela colonialidade tão atual, algumas ressignificam suas práticas para história social vista sob outras lentes, como se evidencia nas falas de alguns participantes da formação *Ikuia-Pá*:

- *Minha unidade trabalha com a cultura indígena, estamos trabalhando identidade, cultura e costume indígena. (Profissional 64, vespertino)*
- *Conheço um pouco porque nossa unidade está trabalhando com os alunos sobre o povo bororo. (Profissional 129, vespertino)*
- *Já é o terceiro ano que vamos trabalhar com esse projeto sobre os indígenas. (Profissional 165, vespertino)*

Essa constatação é que alguns profissionais já reconhecem uma ação efetiva de formações sobre e com os Bororo, porém na perspectiva das epistemologias do Sul, é relevante entender que há uma linha abissal que estabelece que “deste lado da linha” vidas importam e “do outro lado da linha” vidas não importam ou mesmo não existem: “[...] A prioridade epistemológica dada pelas epistemologias do Sul às exclusões abissais e às lutas contra elas deve-se ao fato de o epistemicídio causado pelas ciências modernas eurocêntricas ter sido muitíssimo mais devastador no outro lado da linha abissal” (SANTOS, 2019, p.44).

- *Não conheço sobre a vida dos índios. (Profissional 120, vespertino)*
- *Não conheço sua cultura, ideologia, religião. (Profissional 166, vespertino)*
- *Não conheço sobre a cultura a vida dos índios a alimentação. (Profissional 179, vespertino)*

Essas falas refletem muito da realidade brasileira que não reconhece a diversidade das vidas indígenas que habitam este território. Essa invisibilidade das vidas, identificadas nas pesquisas são foco dos estudos empreendidos nas formações cujas culturas específicas, cosmologias e formas próprias de viver e organizar as redes solidárias e familiares, passam a compor a compreensão da história e cultura local no enfrentamento ao colonialismo epistemológico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como possibilidade de questionarmos as exclusões abissais, não abissais e a sociologia das ausências no âmbito da educação escolar, é que visualizamos a formação-ação-intercultural do Coeduc (GRANDO; PINHO; RODRIGUES, 2018), como uma proposta insurgente para o campo de estudos da educação física, construída em um caminhar epistêmico coletivo que traz a compreensão do processo histórico desleal e segregado, que não reconheceu ou valorizou as vidas e os saberes dos indígenas brasileiros.

Conclui-se nesta perspectiva que a educação física poderia investir em provocar novos saberes para a formação dos profissionais de educação física, trazendo epistemologias alternativas, como as epistemologias negras e indígenas, para iniciar um processo de tradução

cultural e reconhecimento dos saberes subalternizados, nos quais, grande parcela dos profissionais da educação se reconheceriam no Brasil pluriétnico e pluricultural.

Assim, para o exercício de sulear, é necessário acessar as coletividades e seus saberes que compõem o pluriverso da escola, buscando a artesanaria das práticas, o envolvimento dos grupos no processo de luta e resistência contra a colonialidade sustentada numa perspectiva patriarcal. Por isso, enfatizamos a compreensão da Educação Intercultural pelo seu viés crítico de produção da ação que deve ser consciente, política e educadora dos corpos-pessoas.

INTERCULTURAL EDUCATION AND DECOLONIAL STUDIES: KNOWLEDGE AND DIALOGUES WITH COEDUC

ABSTRACT

We aim to make contributions to the theme of Intercultural Education referred by scholars of decoloniality and critical interculturality. The methodological trajectory occurred from bibliographic studies and in the action research that brings the speeches of participants of the continuous formation Ikuia-Pá. It is concluded that teacher education requires other theoretical propositions that can create new pedagogies to promote critical intercultural education at school.

KEYWORDS: *Intercultural Education. Decolonial studies. Indigenous.*

EDUCACIÓN INTERCULTURAL Y ESTUDIOS DECOLONIALES: CONOCIMIENTOS Y DIÁLOGOS COM COEDUC

RESUMEN

Nuestro objetivo es hacer contribuciones al tema de la Educación Intercultural referido por los estudiosos de la decolonialidad y la interculturalidad crítica. La trayectoria metodológica se produjo a partir de estudios bibliográficos y en la investigación-acción que aportan los discursos de los participantes de la formación continua Ikuia-Pá. Se concluye que la formación docente requiere de otras proposiciones teóricas que puedan crear nuevas pedagogías promover la educación intercultural crítica en la escuela.

PALABRAS CLAVES: *Educación Intercultural. Estudios decoloniales. Indígena.*

REFERÊNCIAS

GRANDO, B. S.; PINHO, V. A.; RODRIGUES, E. S. P. Metodologia intercultural na formação-ação para a educação infantil: a cultura Bororo e as relações étnico-raciais. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 4, n. Especial, p. 86-101, set./dez. 2018.

SANTOS, B. de S. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul - 1. Ed., Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019.

WALSH, C. Interculturalidad crítica y educación intercultural. In.: **Construyendo Interculturalidad Crítica**. Jorge Vianã. Luís Tapia. Catherine Wals. Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello. La Paz-Bolivia. Seminario Interculturalid y Educación Intercultural. Instituto Internacional de Integración del Convenio Andrés Bello, La Pas, 9-11 de marzo de 2009. (75-96)